Os sem-vínculos autênticos

– breve ensaio sobre pessoas que não fedem nem cheiram –

Raymundo de Lima*

Existem pessoas que não fazem laços de amizade, mas não são doentes. São pessoas que vivem, mas não convivem. Vivem desligadas dos outros, "como se fossem uma ilha", isto é, são auto-suficientes, apagadas, quase invisíveis. Seu aparecer revela um estilo sem tempero, sem vibração com os eventuais ganhos e reconhecimentos da própria "vida vidinha", como diz Adélia Prado.

Quase duas décadas trabalhando num mesmo lugar, me dou conta da invisibilidade de fulano que freqüenta comigo as mesmas reuniões. E cicrano que nunca consegui conversar sobre um assunto? E aquela, sempre fazendo marketing de alegrinha, um truque infantil para dissimular seu jeito escorregadio ou resistente para fazer amizades autênticas?

Não pretendo analisar, aqui, as pessoas tímidas, mas sim, estilos de ser sem-vínculos-com-os-outros, ou melhor, pessoas que vivem sem-autenticidade nos relacionamentos humanos. São professores, médicos, advogados, alguns até se dedicam à política onde conseguem dissimular sua opacidade com estabelecimentos de pseudovínculos.

Por exemplo, em época de pré-eleições na universidade, os cumprimentos tornam-se mais sonoros, estampam-se sorrisos de Gioconda nos cartazes, somos obrigados a receber tapinhas nas costas e suportar chistes. (Existe nos chistes uma relação com o inconsciente, analisou Freud). No mínimo são artimanhas usadas para preencher vazios de conversa e costurar interesses políticos.

Como cada pessoa não é uma ilha, no meio profissional, alguns vínculos são formados conscientemente visando, no mínimo, a sobrevivência profissional. Os sem-vínculos, sem tempero, não conseguem ir além do relacionamento formal, porque falta-lhes algo mais na sua estrutura psíquica.

O psicólogo Peter Sifneos[1] cunhou o termo *alexitimia* para caracterizar pessoas sem capacidade de sintonia emocional com os outros ou empatia. Existem pessoas incapazes de manifestar emoções em palavras, embora as sintam. Jamais fazem 'festa' ou vibram ao reencontrar um amigo. Sua secura no trato social não desperta interesse para a possibilidade de amizade autêntica Outro psicólogo, Daniel Goleman[2] diz que são pessoas com "um déficit de inteligência emocional" (sic), que as impedem de estabelecer relações autênticas, e isso faz delas "menos humanas" (sic).

Talvez estas personalidades opacas e inautênticas fundamentam suas existências rasas na desconfiança radical em relação aos outros. No fundo, elas seguem o dito sartreano "o inferno são os outros", daí evitarem intimidade com os outros; mas precisam estabelecer um vínculo mínimo de sobrevivência social.

La Boètie, no séc. 16, observava que não pode haver vínculos humanos verdadeiros onde há desconfiança, deslealdade, injustiça. No séc.18, Voltaire acrescenta que só as pessoas virtuosas têm amigos. "*Digo virtuosas porque os malvados só conhecem cúmplices, os lúbricos têm companheiros de deboche, os ambiciosos, associados e políticos arrebanham os de feitio faccioso, os homens vulgares e ociosos têm ligações apenas...*" (VOLTAIRE, 1978, p.93).

Creio que Voltaire não consideraria os sem-vínculos nem como virtuosos e nem como maldosos, mas "inautênticos" e provavelmente "menos humanos". A questão da falta de autenticidade dos sem-vínculos nos remete aos existencialistas, tanto da filosofia como da psicanálise.

Inautenticidade e Psicopatologia

Martin Heidegger analisa o sujeito que escolhe levar uma "existência inautêntica". Nela, o sujeito faz-de-conta que estabelece relações verdadeiras, mas não. E isso pode ser constatado se prestarmos atenção para o uso abusivo das palavras vazias ou tagarelismo, a valorização mais da aparência e não do significado, a curiosidade mesquinha (fofocas, noticias triviais), a dejeção, que é "a queda do homem no plano das coisas do mundo", não das ideias ou da verdade. Ou seja, o sujeito escolhe esse jeito de ser inautêntico fundado no pavor da angústia. Se a vida autêntica é angústia, como ser-no-mundo e crescer evitando a angústia?

Para Heidegger a angústia é capaz de arrancar o *Dasein* do estado de fechamento em si, de empobrecimento existencial, de isolamento esquizo. Se a

[1] Citado por Goleman, 1995, p. 64.
[2] Goleman, 1995.

angústia for 'trabalhada' pode nos levar a superar a alienação. Em psicanálise, a angústia [*Angst*] é algo que protege contra o susto [*Schreck*] e, portanto, também contra a neurose do susto[3].

Uma pessoa que escolhe estabelecer vínculos autênticos (amor, amizade, companheirismo, fidelidade) assume tanto sua angústia de ser-no-mundo como também ser-para-outros. Como diz Sartre "o olhar alheio me fixa e me paralisa, ao passo que, quando o outro estava ausente [de fato ou porque eu o renego] eu me pensava livre"[4]. Deixar aparecer o outro na minha consciência implica fazer nascer um conflito ou angústia. Nesse sentido, os sem-vínculos ou frouxos de relacionamentos são conscientes de sua escolha.

O analista existencial Ludwig Binswanger (1977) descreve três personalidades que não querem ou não sabem estabelecer vínculos, daí terem uma existência 'malograda'. Assim, personalidades **extravagantes** (*Verstiegnenheit*) estão sempre ultrapassando os limites da razoabilidade. São exageradas em tudo, por exemplo, propõem algo que não podem cumprir, se excedem no seu modo de ser e nas propostas, por vezes mirabolantes. As personalidades **excêntricas** (*Verschrobenheit*) são propensas a maluquices, esquizitices, o popular as chama de "complicadas"; por isso elas são evitadas para fazer parte de uma equipe de trabalho. Pessoas complicadas não sabem trabalhar em grupo ou equipe, porque não sabem lidar com as diferenças e são cegas para as sutilezas dos relacionamentos humanos, no fundo, são vítimas do seu narcisismo onipotencial. O terceiro tipo são as personalidades **amaneiradas** (*Manieriertheit*): são propensas a gesticulações, tiques nervosos, etc.

Com esse estudo, Binswanger suspeita que estes três modos-de-ser expressos nos gestos, modo de dizer, nas atitudes, decisões, levariam cada tipo a fundar pontos de "estrangulamento". Diz Binswanger: "*Estes pontos de estrangulamento aparecem porque houve uma ruptura na totalidade de sua história. E em cada jeito ele tenta retomar sua história e não consegue. E cada nova história que ele empreende é uma história amaneirada, enquanto percebe claramente que ele perdeu o fio da sua existência*"[5]. Assim, a existência precária dessas personalidades termina fundando uma existência malograda. Elas passam a viver encalacradas (lembrando a situação do alpinista que não pode nem avançar e nem descer sem auxílio). O problema é que tais personalidades não conseguem pedir auxílio profissional (psicoterapia) no sentido de superar o auto-estrangulamento e a precariedade existencial, porque construíram um modo dogmático de ser-no-mundo. Tornam-se arrogantes (*Verstiegnheit*) na sua ignorância para saber conviver com os outros e suas diferenças.

Outra perspectiva de análise – psicanálise – é de Enrique Pichon-Rivière (1992), é focada na patologia dos vínculos. Segundo essa teoria, cada personalidade tende a privilegiar um

[3] Cf.: Laplanche, 1987, p. 48. O autor citado acompanha a distinção de Freud: angústia, susto e medo. Enquanto que o medo é caracterizado pela reação saudável do sujeito a um perigo real, a angústia designa um estado de expectativa de um perigo abstrato, a preparação [angustiante] para este. E o susto refere ao fato surpresa, a não-preparação diante de algo que a angústia não foi suficiente para proteger o sujeito contra o susto, e o resultado é o 'transtorno' ou 'traumatismo' do ego.

[4] Sartre apud Reali e Antiseri, 1991, p.609.

[5] Essa citação, bem como as traduções foram colhidas no ensaio de Ernildo Stein (1993) "Melancolia: aspectos analítico-existenciais"

tipo de vínculo psicossocial. O estilo **paranóico** caracteriza-se pela desconfiança, pela exigência que ele experimenta em relação aos outros; já o **depressivo** estabelece um vínculo marcado pela sua culpa e expiação infinita; o **obsessivo** exerce ferrenho controle e ordem sobre seus afetos e sexualidade, resultando na rigidez do seu corpo, indecisões e ambivalências, moralismo, ritualismos; o estilo **histérico** usa sua plasticidade e dramaticidade; o **hipocondríaco** usa o seu corpo "queixoso" como vínculo, visando atrair atenção para si. O **autista** é um caso especial, demonstrado pela sua incapacidade radical de estabelecer qualquer tipo de vínculo. Portanto, o autismo constitucionalmente vivem numa "solidão entrincheirada" (sic), conforme define Mannoni (1986). Mas, uma coisa são os autistas – constitucionalmente solitários e condenados a viverem sem-vínculos profundos – e outra são as pessoas que escolheram viver "sem-vínculos", que é o tema deste ensaio.

A psicanalista Maud Mannoni (1986) observa que os autistas não se 'retiram' do mundo, mas antes não chegam a 'entrar' nele. Jamais conhecem o 'apetite pela linguagem', não estabelecem uma interação profunda com o outros, são escorregadios, e, no fundo vivem o terror de serem arrancados do sistema fechado em que estão encerrados. Observamos que os sem-vínculos autênticos, embora não sejam autistas não sustentam relações humanas com profundidade, revelam sua inaptidão para conversa franca e profunda, além de reprimirem suas emoções, afetos, desejos, pensamentos. Portanto, alguns destes traços lembram a estrutura autista, mas afirmamos que os sem-vínculos não são autistas.

Os sem-vínculos e os espaços sociais

Os sem-vínculos autênticos também representam dificuldade de relacionamento na escola, universidade, trabalho, onde os demais se perguntam: *afinal, quem ele é de verdade?* Não raro, os sem-vínculos autênticos terminam se passando como pessoas esquisitas, estranhas, antipáticas, arrogantes, complicadas, não confiáveis, insossas, pré-explosivas[6], apagadas ou que parecem estar sempre se guardando num estojo.

Tchekov (1986), em "O homem do estojo", observa um homem que parece estar sempre se guardando num estojo, para se proteger das influências externas e internas, porque até os pensamentos ele procurava guardá-los. "*Na proibição e na licença sempre se ocultava*". Só depois de morto, deitado no caixão, sua expressão costumeira deixa de ser insossa, e, "enfim parece agora alegre, como se estivesse assim porque o puseram dentro de um estojo final".

Parece que os sem-vínculos colhem prejuízos consideráveis mais no âmbito amoroso – da intimidade – do que no meio social e político. Porque, no primeiro caso, sua incapacidade de expressão e revelação de sua subjetividade/ intimidade termina constrangendo o outro. Afina, como conviver com uma pessoa que 'escolhe' não revelar sua verdade subjetiva?

O Dr.Drew Pinsky, especialista em sexualidade, e muito requisitado pela televisão norte-americana, denomina "disfunção da intimidade" (sic) a pessoa que não estabelece vínculos duradouros

[6] Os sem-vínculos parecem pessoas equilibradas e tranquilas, mas se forem provocadas ou acuadas tendem a explosão de ira, com palavras e gestos descontrolados que coloca em risco seu próximo. O filme "Um dia de fúria" é um indicador.

com seus semelhantes. O Dr.Drew apresenta casos de pacientes viciados em sexo, com capacidade de trocar frequentemente de parceiros, mas incapazes de sustentar uma relação de amor ou amizade duradoura. Segundo ele, "nos Estados Unidos não existe intimidade verdadeira, porque nós destruímos esse modo de viver [autêntico]". (dito no programa da Oprah, GNT, 27/07/2010).

Parece que essas personalidades insossas, sem-intimidade, sem-vínculos autênticos ou incapazes de sustentar amizades verdadeiras, são produzidas em ritmo epidêmico para além dos Estados Unidos, ou seja, faz parte do modo de ser pós-moderno e globalizado.

Porque a sociedade pós-moderna – ou 'líquida', na expressão de Bauman – gera um novo tipo de personalidade com seu próprio dilema. Bauman diz: "*Em 'Liquid Love' [Amor Líquido], eu exploro o impacto dessa situação nas relações humanas, quando o indivíduo se vê diante de um dilema terrível: de um lado, ele precisa dos outros como do ar que respira, mas, ao mesmo tempo, ele tem medo de desenvolver relacionamentos mais profundos, que o imobilizem num mundo em permanente movimento*" (Entrevista concedida a **Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke,** 2003). Ele ainda acrescenta: quando os "*vínculos humanos são confortavelmente frouxos, e, por isso mesmo, terrivelmente precários, é tão difícil praticar a solidariedade quanto compreender seus benefícios, e mais ainda suas virtudes morais*" (BAUMAN, 2007, p. 30)[7].

Assim, encontramos no cotidiano desde personalidades com demanda de vínculos frouxos ou sem interesse de estabelecer vínculos autênticos, profundos e duradouros, que parecem sofrer de 'disfunção de intimidade', e também personalidades populistas que querem dar a impressão de ser amigo de todos (o 'amigão', 'gente boa', 'cara legal'), mas que, no fundo, são incapazes de fundar vínculos baseados na ética da autenticidade e da durabilidade. Ainda, na outra ponta, existe o cínico diogeano, que, aparentemente não se importa em ser tomado por chato, irascível, do contra, e arrogante com suas convicções cujo efeito é o afastamento dos seus próximos.

Esse é um dos vários paradoxos de nossa era pós-moderna ou líquida: denegar o valor da amizade ou falseá-la, para dissimular a incapacidade de estabelecer relações autênticas e duradouras.

É necessário um certo esforço psíquico e tolerância, para, nessa época líquida, investirmos na arte de estabelecer vínculos demasiadamente humanos e verdadeiros. O contrário parece ser a escolha da barbárie e da falta de sentido da vida. Sócrates e Epicuro estavam certos ao privilegiar a amizade como o bem mais importante da vida.

[7] Para adaptar ao sentido do nosso tempo, fizemos pequenas alterações nessa citação traduzido por Carlos Alberto Mederios.

Referências

ALBERONI, F. **A amizade**. São Paulo: Rocco, 1992.

BALDINI, M. **Amizade & Filósofos.** Bauru: Edusc, 2000.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BINSWANGER, L. **Três formas de existência malograda.** Rio de Janeiro, 1977.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente.** (v.8). Edição Standard das Obras Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional:** a teoria revolucionária que redefine o que é ser

inteligente. 29. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

LAPLANCHE, J**. A angústia.** São Paulo: M. Fontes, 1987.

MANNONI, M. **De um impossível ao outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

PALLARES-BURKE, M. L. G. A sociedade líquida. **Folha de S. Paulo – Cad. Mais!** 19 de outubro de 2003.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: M. Fontes, 1982.

REALI E ANTISERI. **História da filosofia.** São Paulo: Paulinas, 1991.

STEIN, E. **Órfãos de utopia:** a melancolia da esquerda. P. Alegre: UFRS, 1993.

TCHEKOV, A. **O homem do estojo.** Rio de Janeiro: Global, 1986.

VOLTAIRE. [Col. Os pensadores]. São Paulo: Abril Cultural. 1978

* **RAYMUNDO DE LIMA** é psicanalista, doutor em educação pela USP e professor da UEM.